I.

Portugal já registou este Verão pelo menos 780 fogos rurais. O incêndio de Monchique é já o maior do ano na Europa. Em análise neste programa as causas e consequências deste Verão quente europeu.

O euro caiu para o valor mais baixo em 13 meses face ao dólar, num cenário de nervosismo com a queda da lira turca.

Ainda nesta edição: novo estudo revela que maioria dos círculos eleitorais está contra a saída do Reino Unido da União Europeia.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa,

Até à semana passada já se tinham registado em Portugal 787 incêndios rurais. Apesar das temperaturas elevadas, a Autoridade Nacional da Protecção Civil diz que são menos 500 ignições do que no mesmo período do ano passado. O incêndio de Monchique é já considerado o maior do ano na Europa. Uma semana depois de ter começado, foi dominado, e de acordo com os últimos dados, este incêndio fez pelo menos 41 feridos.

Numa conferência de imprensa, em Lisboa, o comandante operacional nacional da Protecção Civil, Duarte da Costa, disse que estes dados revelam que tem havido "um esforço preventivo". Os habitantes de Monchique não têm a mesma opinião.

Habitante de Monchique: Os bombeiros não os mandaram ir para onde eles deviam ir.

Habitante de Monchique: O pessoal está muito revoltado com esta situação.

Habitante de Monchique: O incêndio que se deu em 2003 não chegou ao que chegou este hoje. Com mais mais meios, com mais helicópteros, com mais dinheiro.

A dimensão do incêndio de Monchique deve-se às condições meteorológicas excepcionais, segundo referiu o Ministro português da Administração Interna, Eduardo Cabrita.

Eduardo Cabrita, Ministro da Administração Interna de Portugal Bateram-se recordes de temperatura mais elevada, temperaturas mínimas muito elevadas, com consequências que determinaram um quadro de avaliação de risco que estava previamente identificado, que permitiu o posicionamento de meios nas áreas de maior risco.

Só no Algarve já arderam este Verão 27 mil hectares, enquanto na Suécia e no Reino Unido, queimaram-se 21 mil e 18 mil hectares, respectivamente.

+++

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Victor, erros da Protecção Civil, incapacidade de resposta. O que é que falhou em Monchique? Há notícias, por exemplo, de que Portugal terá dispensado o apoio de dois aviões italianos. Nestas coisas dos incêndios falham sempre muitos aspectos e a verdade é que mais uma vez a Protecção Civil no caso do incêndio de Monchique deu a impressão à opinião pública que havia muito amadorismo, que havia muita descoordenação e que, sobretudo, havia pouca comunicação em relação às pessoas. A evacuação das pessoas foi feita de uma maneira que muita gente não entendeu e vários dirigentes locais, incluindo vereadores da Câmara Municipal de Monchique, opuseram-se à evacuação das pessoas. E tudo isso porque, na realidade, estas coisas não foram explicadas como deve ser. Por isso, houve falta de coordenação ao nível das agências que se ocupam da protecção civil, houve problemas de comando, mas também houve muitos problemas que tiveram a ver com a comunicação em relação às vítimas do incêndio e também muitos problemas que vêm de longe. Nós não nos podemos esquecer que Monchique já teve um incêndio semelhante, aliás, um incêndio de maiores proporções em 2003. Este ano em 2018 arderam 27 mil hectares, há 15 anos arderam 41 mil hectares. E a verdade é que ninguém aprendeu nada.

E a agravar a questão, temos as condições climatéricas, com temperaturas tão extremas, superiores a 40 graus em varias partes do país. Essa é a tendência, que as temperaturas continuem a subir à escala global?

Eu creio que sim, aliás, eu vi recentemente dados em que mostrava que um aumento de dois graus na temperatura média global, irá provocar a deslocação de cerca de 200 milhões de pessoas ao nível mundial, ou seja, nós estamos a falar não só de um aumento da temperatura, mas também do impacto que isso vai ter sobre os seres vivos, os homens e as mulheres, evidentemente, mas também sobre os animais, sobre as plantas e tudo isso vai criar uma nova situação, não só uma situação humanitária, não só uma situação de deslocação de populações, mas também uma nova situação em relação à natureza e nomeadamente ameaçando várias espécies que nós conhecemos ainda hoje.

E que representa isto tudo representa para a União. O que é que pode ser feito ao nível comunitário?

A União Europeia é neste momento um dos porta-estandartes da luta contra o aumento da temperatura ao nível global, ou seja, a União Europeia pensa que o acordo que foi obtido em Paris é um acordo válido, que deve ser cumprido e nesse sentido tem sido um advogado, digamos assim, a União Europeia tem promovido todo o tipo de acções, quer ao nível da Europa, quer ao nível mundial, que permitam fazer com que o aumento da temperatura não seja tão dramático como aquele que está previsto. E nesse sentido há uma aliança muito forte, por exemplo, entre a União Europeia e a China. A China também reconhece que tem desafios ambientais enormes e que é preciso não só resolver estes desafios ao nível do território chinês, mas é preciso também que a China tenha um papel de liderança ao nível internacional no que diz respeito às mudanças climáticas e eu penso que essa aliança irá continuar e será reforçada entre a China e a União Europeia.

III.

Verão quente a afectar uma série de países como Portugal, o Reino Unido e a Suécia.

E ainda na actualidade europeia. A desvalorização da moeda turca atingiu 19% face ao dólar na semana passada, após o Presidente norte-americano, Donald Trump, ter anunciado um forte aumento das taxas sobre as importações de aço e alumínio turcos. Neste cenário de nervosismo, o euro recuou face ao dólar, como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Notícias de sexta-feira avançavam com uma queda do euro para o valor mais baixo em 13 meses face ao dólar, num cenário de nervosismo com a queda da lira turca. A depreciação da moeda da Turquia tem vindo a acentuar-se, chegando a recuar 19% face ao dólar, devido à perda de confiança dos mercados, num contexto de crise diplomática com os Estados Unidos e de preocupação com a independência do banco central turco.

A queda da lira deu-se após o Presidente norte-americano, Donald Trump, ter anunciado que vai duplicar as tarifas impostas às importações de aço e de alumínio provenientes da Turquia.

Segundo o jornal *Financial Times*, o Banco Central Europeu está preocupado com a exposição de alguns bancos europeus à Turquia.

A turbulência em Ancara pode afastar o capital estrangeiro de que o país precisa para financiar o elevado défice externo e diminuir a capacidade das empresas de pagarem os empréstimos que têm em divisas estrangeiras.

+++

Lina Ferreira a dar conta da mais recente crise na Turquia.

Victor, a queda a pique da lira turca teve um impacto bastante negativo no euro e o Banco Central Europeu está preocupado. Qual a forma mais inteligente de Bruxelas lidar com o regime do presidente Erdogan e com a desvalorização da moeda? Com o regime do presidente turco é extremamente difícil de lidar. O presidente turco está convencido que tem razão e não quer reconhecer quais são as verdadeiras causas que levaram a esta crise financeira enorme e essas causas têm muito a ver com a política que o presidente Erdogan tem seguido nos últimos anos, uma política de gastos exorbitantes, de construções absolutamente injustificadas e a preços fora do mercado. Muitas destas construções e muitos destes projectos também têm a ver com a corrupção que existe na Turquia e com a possibilidade que o poder político e nomeadamente o presidente Erdogan têm de comprar as elites turcas para que

elas apoiem o regime e apoiem em particular Erdogan. Ou seja, nós estamos numa situação em que as causas da crise actual na Turquia são bem claras, excepto para o presidente da Turquia que continua a pensar que esta questão é apenas uma conspiração vinda do exterior e nomeadamente vinda dos países ocidentais e dos Estados Unidos.

Voltava então a perguntar-lhe como é que a Europa deve lidar com esta nova crise?

Há que continuar o diálogo muito franco com o presidente da Turquia e há também que ter em conta que a Europa tem interesses económicos muito grandes na Turquia. Nós não nos podemos esquecer que há vários países europeus, nomeadamente a Espanha, mas também a França e a Itália que estão extremamente vulneráveis à situação económica na Turquia. Os bancos espanhóis têm mais de 80 mil milhões de euros de empréstimos na Turquia. Vai ser muito difícil aos bancos espanhóis recuperar esses empréstimos se a economia turca continuar a ser gerida da maneira como Erdogan está a gerir neste momento. Se a economia turca não evoluir rapidamente no sentido da estabilização e da correcção dos desequilíbrios actualmente existentes, o impacto da crise turca na União Europeia pode ser muito grande.

Em relação à reacção do presidente Tayyip Erdogan, este exortou os turcos a trocarem as suas divisas estrangeiras para apoiar a enfraquecida lira turca. Vamos ouvir as declarações:

Recep Tayyip Erdogan, Presidente da Turquia

Se houver alguém que tenha dólares, euros ou ouro debaixo da almofada, deverá ir trocá-los por liras nos nossos bancos. Esta é uma batalha doméstica e nacional. Será a resposta do povo àqueles que travaram contra nós uma guerra económica.

Reacções do presidente turco à desvalorização da moeda. O governo tinha anunciado um dia antes que ia apresentar um novo modelo económico. Eu pergunto-lhe, Victor, que modelo é que poderá ser este?

Eu penso que ele poderá estar a falar de uma ajuda vinda da Rússia. Ele não acredita que os Estados Unidos e que a União Europeia possam ajudar a economia turca nesta fase. Ele está convencido que há aqui ao nível europeu e ao nível americano uma acção coordenada no sentido de o colocar em dificuldades, mas a verdade é que as relações entre a Turquia

e o mundo ocidental - quer dizer a União Europeia e os Estados Unidos - são relações políticas extremamente complicadas e muito difíceis neste momento. Neste momento em Bruxelas e em Washington vê-se com muita preocupação a aproximação que está a acontecer entre Erdogan e Putin. Os dois presidentes - o presidente da Turquia e o presidente da Rússia - passaram uma parte deste fim-de-semana ao telefone a discutir a maneira de aumentar a coordenação e a cooperação económica e financeira entre os dois países, ou seja, a Turquia em vez de resolver os problemas internos e em vez de tratar, por exemplo, de cortar em despesas sumptuosas e em despesas absolutamente desnecessárias que têm apenas como objectivo deitar poeira nos olhos dos turcos, a verdade é que a Turquia vai continuar, vai tentar continuar nessa via e provavelmente vai entrar numa situação em que a situação ficará fora de controlo, a lira continuará a perder valor.

Victor Ângelo sobre a mais recente desvalorização da moeda turca.

Entretanto, uma notícia avançada já depois desta entrevista, dá conta que o Banco Central da Turquia anunciou a injecção de seis mil milhões de dólares no sistema financeiro do país para garantir a liquidez dos bancos e travar a queda da lira turca face ao dólar norte-americano.

IV.

E vamos agora até ao Reino Unido.

Um novo estudo revelou que mais de 100 círculos eleitorais que deram maioria ao Brexit no referendo preferiam permanecer no bloco comunitário. Mais com a jornalista Marta Melo.

À medida que as negociações com Bruxelas se vão arrastando, muitos daqueles que apoiaram a saída de Londres da União Europeia no referendo de 2016 revelaram agora ter mudado de ideias.

É o que dizem os dados de um recente estudo que concluiu que vários círculos eleitorais que registaram uma maioria de votos a favor do Brexit penderiam para o lado oposto.

Uma análise do jornal *The Observer* revela que dos 632 círculos eleitorais britânicos, 112 que tinham maiorias a favor da saída estão hoje contra o Brexit.

Se somarmos aos 229 que já tinham revelado ser contra, faz com que na Câmara dos Comuns exista uma maioria virtual contra a saída do Reino Unido.

Este estudo teve como base sondagens da empresa YouGov, que envolveram mais de 15 mil inquiridos, antes e depois da primeira-ministra Theresa May ter apresentado o plano para a relação futura entre Londres e Bruxelas.

Victor, a divulgação do estudo acontece numa altura em que o plano de May – o plano Chequers– se prepara para ser apreciado pelo Parlamento. Que impacto poderão ter estes novos dados?

Estes dados vêm confirmar que neste momento no Reino Unido há uma confusão total em relação às negociações sobre o Brexit, em relação ao próprio futuro do Reino Unido no espaço geopolítico que é a Europa. Vem igualmente confirmar a incerteza e as dúvidas e sobretudo a preocupação crescente ao nível das populações britânicas e também ao nível de vários dirigentes e fazedores de opinião no Reino Unido quanto ao Brexit. Nos próximos tempos tudo poderá acontecer, incluindo a hipótese de um novo referendo, mas sobretudo o que poderá também acontecer é a queda de Theresa May. E a queda de Theresa May iria aumentar ainda mais a situação de confusão política que existe no Reino Unido. Mas na verdade esta semana Theresa May está mais fragilizada há duas ou três semanas atrás, quando o plano Chequers foi aprovado.

Há movimentos que pedem um novo referendo. E já lhe perguntei isto há uns meses, volto a lançar a mesma perguntar. Esta parece uma possibilidade viável? 'Neste momento creio que não. Até porque o dirigente do partido trabalhista, Jeremy Corbyn, é contra a realização de um novo referendo. Mas também é verdade que nós vamos assistir no próximo mês de Setembro à conferência anual do Partido Trabalhista e esta questão do Brexit vai ser a questão central e provavelmente irá aparecer uma corrente muito forte dentro do Partido Trabalhista a favor do apoio à ideia de um novo referendo. Penso, no entanto, que Corbyn continuará a opor-se á ideia de um novo referendo, até porque, na realidade, Jeremy Corbyn pertence àquela geração de políticos de esquerda que vêem a União Europeia como uma associação

de países e de interesses capitalistas. Por isso, para ser claro, neste momento não me parece haver hipóteses de nos próximos tempos se aprovar um novo referendo sobre o Brexit. O que poderá acontecer é que o acordo que venha a ser assinado entre o Reino Unido e a Uniao Europeia seja submetido a um referendo. E que esse referendo possa ter uma redacção tal, uma maneira de perguntar a coisa de tal maneira, que no caso dos eleitores britânicos recusarem o acordo isso significaria que o Reino Unido continuaria no seio da União Europeia.

E antes de termnar e permanecendo ainda no Reino Unido,

temos a morte do escritor britânico V.S. Naipaul, que morreu aos 85 anos em Londres. Eu gostava de lhe perguntar o que podemos recordar do homem e da obra? Foi um autor extremamente original e que teve, sobretudo, o grande mérito de dizer aquilo que ele pensava. Ele nunca se preocupou em inserir-se numa corrente de pensamento, ele disse sempre que aquilo que ele escrevia era o resultado das suas observações pessoais e, além disso, era também o resultado das contradições que estavam na sua origem, ou seja, ele é filho de imigrantes indianos que tinham sido trazidos para a América Central, para Trinidade e Tobago, com todas as contradições que depois isso provocou ao nível de Trinidade e Tobago entre as populações indianas e as populações de origem africana. Por outro lado, ele também o produto do fim do colonialismo. Enquanto jovem, veio para o Reino Unido para estudar e depois ficou no Reino Unido e nunca se sentiu totalmente integrado no Reino Unido, ou seja, ele foi sempre uma pessoa exterior, digamos assim, que olhava para o mundo, olhava para a América Central, para Trinidade e Tobago, para as comunidades indianas, para as relações entre raças. Foi de facto um observador excepcional e

V.S. Naipaul, Nobel da Literatura, que escreveu títulos conhecidos como "A curva do rio", uma das obras mais aclamadas pela critica.

suas opiniões. E isso é de valorizar, evidentemente.

Escreveu também o romance "Num estado livre", galardoado com o Prémio Booker em 1971.

além disso, um homem totalmente livre e independente nas

Ficam então aqui algumas sugestões de leitura do Magazine Europa.

Nós regressamos para a semana!

V.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.